

O Banco de Sementes Comunitário de São Tomé II, em Alagoa Nova, Paraíba é fruto do trabalho e da necessidade da comunidade, já que foi concebido em uma época em que a seca afligia seus moradores. Mas também, o Banco é fruto principalmente da iniciativa de uma de suas lideranças, de José Oliveira Luna, mais conhecido por Zé Pequeno.



Zé Pequeno aprendeu desde cedo a importância de guardar as sementes. Seu pai, antigo tropeiro, andava do Brejo para o Cariri e de volta para o Brejo; ia e vinha infinitamente levando cachaça, rapadura, farinha e feijão para o Cariri e trazia de volta o queijo e a carne. Um dia cansou-se de suas andanças e resolveu se fixar na região do Brejo, terra de sua então recente esposa. Seu José Inácio e dona Elisia passaram a plantar no regime de meia para sustentar a família. Produziam farinha, batata doce, fava, milho e feijão para dar de comer às crianças que nasciam a cada ano. Com ajuda de seus filhos mais velhos, conseguiram comprar 10 quadras de terra; contudo, em virtude de a família ser muito grande, viam-se obrigados a continuar trabalhando no mesmo regime. Mas, conta Zé Pequeno, que seu pai nunca deixou de ter silos para a família; guardava os legumes e também suas sementes. Guardava suas sementes para plantar e também abastecia alguns vizinhos que sempre confiaram em seu feijão. A diversidade, a fartura de legumes e a solidariedade na partilha das sementes marcaram a infância do pequeno Zé.

Zé Pequeno sempre foi um homem muito religioso e desde solteiro participava de grupos de jovens e dos movimentos ligados à Igreja Católica. Logo quando se casou, ainda moço, aos 24 anos, assumiu o Grupo de Senhores, foi responsável pela evangelização em sua comunidade por mais de 27 anos, foi ministro da eucaristia; junto com sua esposa, dona Biluza, trabalhou na preparação de pais e padrinhos, no crisma, na organização de roçados comunitários, de trabalhos em mutirão para melhorar casas e estradas, organizavam as festas da colheita, do dia do trabalhador, do agricultor, promoviam festas comunitárias de São João. A história da comunidade se confunde com a história do evangelho, o evangelho em ação como afirma Zé Pequeno. A fé fez com que trabalhassem coletivamente para concretizarem ações, ações essas que consideram a celebração da vida, da vida dos agricultores.





Em 1974, ano em que Zé Pequeno mudou-se para São Tomé e iniciou seu trabalho religioso, grande parte dos moradores da comunidade, inclusive sua família, estava passando dificuldade em dispor de sementes para fazer o plantio daquele ano. Zé Pequeno procurou orientação de Frei Artur que lhe dava suporte espiritual às atividades religiosas. Questionado pelo Frei sobre o que faria se recebessem as sementes que estavam precisando, foram formatando a idéia de um Banco.

Conhecendo bem a realidade de sua comunidade, Zé marcou uma reunião com 10 agricultores que considerava os mais necessitados e que estavam passando por dificuldade e, juntos, discutiram como e o quê iriam fazer com o saco de milho e de feijão que receberiam da Igreja. Assim, com apoio da Igreja, implantaram o Banco de Sementes Comunitário de São Tomé, o primeiro da Paróquia de Esperança, município vizinho.

Naquele ano, cada um dos sócios fundadores levou e plantou 10 quilos de feijão e 2 quilos de milho, com a obrigação de devolver, ao final da safra, 15 quilos de feijão e 3 quilos de milho, para que dessa forma o Banco de Sementes pudesse prosperar. No ano seguinte, o Banco já tinha 3 sacos de feijão e seus sócios fizeram questão de pagar o que deviam à Paróquia. E foi a partir deste ano que a comunidade pôde se auto-abastecer, o que acontece até os dias de hoje, conta Zé Pequeno. Do pagamento efetuado, a Igreja instituiu um Banco Mãe, que iria dar as condições iniciais para a formação de novos bancos comunitários ou que também iria dar apoio àqueles já existentes, caso passassem por alguma dificuldade ou aumentasse inesperadamente o número de sócios.

No ano seguinte à implantação, quem tinha 15 quilos de sementes, levava 13 quilos para plantar. O restante armazenado iria permitir que novas pessoas fossem aderindo ao Banco e, desta forma, anos mais tarde conseguiram atender até 150 famílias.





Todavia, a organização da comunidade em torno do Banco permitiu que discutissem a importância de se ter guardado, em casa, suas próprias sementes. Analisando as experiências de seus pais e avós, durante as reuniões comunitárias identificaram a relevância de se guardar as sementes em suas próprias terras e, mais conscientizados, como afirma Zé Pequeno, muitos deles já possuem sementes o suficiente para plantar todo seu roçado no período do inverno. Quando se têm sementes em casa, argumenta Zé Pequeno, pode-se plantar muito mais ligeiro do que quando as têm armazenadas no banco e ainda pode-se plantar aos poucos porque, em casa, são guardadas em recipientes menores e, no Banco, tem que plantar logo muita quantidade, tem que plantar toda a parte que nos destina. Assim, a partir do amadurecimento e do debate entre os sócios, o Banco evoluiu em sua concepção e retrocedeu no número de sócios. Conta, em 2003, com 51 famílias associadas;

famílias que, segundo observam, são as mais necessitadas. Aqueles antigos sócios que não dependem mais do Banco para plantar, deixam suas sementes para outras que mais dependem do sistema.

Para participar do Banco, o agricultor ou agricultora que toma a semente emprestada, leva na primeira vez 10 quilos de sementes e paga 15 quilos. O sócio vai aumentando gradativamente a quantidade de semente até chegar à sua meta de plantio. A partir do momento que passa a depositar suas sementes no Banco, pode negociar as variedades que deseja plantar. O agricultor pode devolver as sementes das variedades que quiser, da mesma forma, pode negociar com o Banco aquelas variedades que deseja retirar. O mais importante, afirma Zé Pequeno, é o agricultor poder plantar as sementes de sua paixão, aquelas que ele confia, que deseja possuir.

Para que esse Banco funcione, com efeito, até o ano de 2003, foi criada uma comissão para regê-lo. Desde sua fundação, os sócios acreditavam ser importante que essa comissão fosse independente da associação comunitária. Avaliam que se a associação dominasse o Banco, ele poderia ter ido à falência se, por exemplo, ao se mudar a diretoria, o novo presidente não tivesse interesse em gerir ou se o Banco não fosse prioridade em seu trabalho. Preferiram nomear três sócios que são substituídos a medida em que se precise, por motivo de doença, viagem ou outro fator que possa interferir no bom



andamento da gestão do banco. Orgulham-se em afirmar que o Banco nunca foi direcionado por outra pessoa que não da comunidade, o que, segundo eles, foi a chave de seu sucesso.

Toda qualidade de diligência nós fazíamos para fortalecer o Banco de Sementes, conta Zé Pequeno, um dos integrantes da comissão de gestão na época de sua formação. O banco nunca foi à falência, sempre usamos nossa criatividade para poder sustenta-lo. Recorriam às sementes do banco Mãe, ao Patac e anos depois ao Pólo Sindical da Borborema e à AS-PTA. Aquelas sementes que vinham da Prefeitura ou da Secretaria eram para fortalecer o Banco e não para ficarem sujeitos ao domínio dos políticos. Esse Banco foi criado para enriquecer a comunidade e não aos políticos que distribuía as sementes de forma humilhante, em troca de voto, porque somos independentes deles, afirma taxativo Zé Pequeno.



No ano de 2003, Zé Pequeno cedeu uma parte de seu terreno para a implantação de um campo de multiplicação de sementes. O Pólo Sindical da Borborema avalizou a iniciativa e contribuiu com 2 carros de adubo orgânico e o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Alagoa Nova colaborou com diárias para o pagamento da mão de obra. Toda a implantação do campo de experimentação ficou a cargo da realização e administração da

comunidade, desde a seleção do terreno, o trato da terra e o plantio. Foram plantados 6 quilos de milho pontinha, 6 quilos fava de orelha de vó, 3 quilos de fava cara larga, 20 quilos de feijão carioca e 15 quilos de feijão preto pajeú. Estamos fazendo um campo de multiplicação de sementes da paixão para enriquecer o Banco de São Tomé e também outros Bancos do município de Alagoa Nova, para que essas continuem sempre na região, relata Zé Pequeno.

Na época de sua estruturação, em 1974, só existiam dois tipos de feijão: o carioca e o híbrido. Em 2003, o Banco armazena uma grande quantidade de variedades: feijão carioca, preto, faveta, híbrido, feijão macassa cariri, sempre verde, tochinha, fígado de galinha, fava orelha de vó, bacural, canção,



cara larga, coquinha, galo de campina, milho pontinha, jabatão, dente de rato, milho alho. Sem contar com as variedades que colocaram em teste para saber se vão continuar ou não no Banco. Tem ainda o trabalho de colheita de sementes de outras espécies cultivadas como alface, pimentão, coentro, tomate, milho d'angola, gliricídia, feijão de porco, guandu, mangirioba, mucunã e, atualmente, estão selecionando sementes de árvores frutíferas nativas e aquelas exóticas adaptadas à região do Brejo. Aqui na nossa agricultura familiar não temos só semente de milho e feijão, conta Zé Pequeno. Temos todos os tipos de sementes que a gente traz, planta e verifica se dá certo em nosso campo. Sem contar com as sementes de mamona, macaxeira, batata doce, sementes não existem no Banco, mas que fazem parte do sistema de troca comunitária. Dividimos as variedades um com o outro.

Em São Tomé, no seu início, o Banco contava apenas com dois silos metálicos de 250 quilos. Com o trabalho de resgate e valorização das variedades locais, os agricultores sentiram a necessidade de aprimorar a forma de armazenar suas sementes. Depois de realizarem dois cursos de fabricação de silos, incentivados pela comissão de sementes do Pólo Sindical da Borborema, o Banco possui um acervo diversificado de silos fabricados por seus sócios, com tamanhos diferenciados para guardarem com maior eficiência as sementes locais, as sementes da paixão.



Quando indagados sobre a importância dos Bancos de Sementes Comunitários, a resposta é rápida e segura: garantir a quantidade, a qualidade, a diversidade e a disponibilidade de sementes como nossos pais já faziam. Naquela época não faltavam o feijão, a fava, o milho, o coentro na hora certa para plantar e atualmente passamos a viver um tempo que já não tínhamos mais isso, foi se perdendo.

Zé Pequeno conta com orgulho que o trabalho desenvolvido pela comunidade de São Tomé está sendo reconhecido em toda a Paraíba. Com as experiências que possuem, já se criaram outros Bancos de Sementes Comunitários no município e também fora dele. Encerra colocando à disposição de todos as experiências por eles vivenciadas. Estamos prontos para levar nossa experiência para onde for necessário. Não quero que fique só em São Tomé, mas que se espalhe por toda a Paraíba e onde mais for necessário.

